

A crítica pós-moderna: analítica da interação e da sociabilidade

Post-modern critique: analytics of interaction and sociability

Carlos A. Gadea¹
cgadea@unisinos.br

Resumo

Na tentativa de abordar as múltiplas dimensões da modernidade e os seus nexos com os debates teóricos contemporâneos, não se podem omitir as diferentes contribuições que trouxe a denominada crítica pós-moderna. O presente trabalho procura indagar a respeito destas contribuições, a partir daqueles elementos teóricos que se apresentam como herdeiros de uma tradição sociológica profundamente negligenciada na academia pela eventual hegemonia de perspectivas analíticas mais enraizadas no determinismo estrutural. A crítica pós-moderna, quando reformula questões de sociabilidade e de comportamento político e cultural e se nutre de um marco de análise onde conceitos como pluralidade, multiplicidade, fragmentação e relativismo adquirem importância, não faz mais que reintroduzir um legado teórico e uma aventura sociológica que nasce, por exemplo, com o "impressionismo sociológico" de Simmel, o pragmatismo de William James e os estudos psicossociais de Georg H. Mead. O que se pretende argumentar é que a crítica pós-moderna, em um determinado sentido, define-se como uma espécie de reutilização dos enfoques teóricos da interação social, navegando desde o pragmatismo filosófico e o ecletismo até a etnometodologia e os denominados "cultural studies".

Palavras-chave: teoria social, crítica pós-moderna, sociabilidade, interação.

Abstract

As one attempts to approach the multiple dimensions of modernity and its nexus with contemporary theoretical debates, one should not omit the different contributions made by the so-called post-modern critique. This article discusses these contributions on the basis of those theoretical elements that are presented as heirs of a neglected sociological tradition in the academia because of the occasional hegemony of analytical perspectives that are more rooted in structural determinism. When the post-modern critique reformulates issues of sociability and political and cultural behavior and resorts to an analytical framework in which concepts such as plurality, multiplicity, fragmentation and relativism gain importance, it is doing nothing else than reintroducing a theoretical legacy and a sociological adventure that arise, for instance, from the "sociological impressionism" of Simmel, the pragmatism of William James and psychosocial studies of Georg H. Mead. The article claims that the post-modern critique is in a way defined as a kind of reuse of theoretical approaches to social interaction ranging from philosophical pragmatism and eclecticism to ethnomethodology and the so-called "cultural studies."

Key words: social theory, post-modern critique, sociability, interaction.

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Editor da revista Ciências Sociais UNISINOS.

A “questão pós” e as suas implicações temáticas

1. Aproximar-se da temática da pós-modernidade e estabelecer eventuais discontinuidades sobre o entendível como inerente de “um mundo moderno” sugere uma caracterização geral do que tem implicado o desenvolvimento de determinados debates teóricos e analíticos, originados fundamentalmente nos anos 70, anos-chave para compreender a denominada “questão pós”² sociocultural a partir de uma primeira perspectiva: o esgotamento do moderno e, como diria Vattimo (1985), a superação da modernidade. Em 1981, Jürgen Habermas apresentava um trabalho (in: Pico [comp.], 1992) que logo se converteria na réplica e resposta mais evidentes ao que parecia ir consolidando-se nos destinos da crítica social e das ciências humanas em geral: a chamada pós-modernidade. Já esse termo vinha percorrendo uma incipiente aventura semântica no final dos anos 50 e início dos 60 a cargo de certos intelectuais e críticos norte-americanos³ preocupados com o estatuto da arte e as expressões culturais desses anos. Sob o termo pós-modernidade se referiam as certas atitudes de rechaço para a arte como instituição do sistema de consumo, ao que se pretendia somar a perda de credibilidade nas vanguardas e no valor “da novidade”⁴. É entre o início dos anos 70 e fins da mesma década que a polémica ou o debate do pós-moderno ingressa com certa força nos meios acadêmicos europeus e norte-americanos, sendo, sem dúvida, o trabalho *La condición postmoderna*, de Jean-François Lyotard (1989a)⁵, o que repentinamente geraria todo um debate nas ciências sociais. Esse debate se materializaria em torno do que constituiria um diagnóstico do presente e, fundamentalmente, em torno de uma eventual crise de legitimação que afetaria os diferentes espaços sociais e políticos, questionando-se o fato de que já não pareceria existir a possibilidade de recorrer-se a princípios que possam operar como “referentes universais de valor”.

Nesse sentido, a noção de universalidade, paradigmática da dinâmica histórica da modernidade é a que, inicialmente, adquirira centralidade no debate. Centralidade adquirida quando se entende o pós-moderno a partir da seguinte sentença:

O Iluminismo descreveu a raça humana como estando envolvida em um esforço em direção a uma moral universal e à auto-realização intelectual, aparecendo, assim, como o sujeito de uma experiência histórica universal; ele também postulou uma razão humana universal relativamente à qual as tendências sociais e políticas podiam ser avaliadas como “progressistas” ou não [...]. O pós-modernismo rejeita essa descrição, isto é, ele rejeita a doutrina da unidade da razão. Ele se recusa a conceber a humanida-

de como um sujeito unitário que se esforça em direção ao objetivo da perfeita coerência (em seu conjunto partilhado de crenças) ou da perfeita coesão e estabilidade (em sua prática política). O pós-modernismo postula que existe uma pluralidade de razões, irreduzíveis, incomensuráveis e relacionadas a gêneros, tipos de discursos e epistemes específicos, visão que contrasta com a pretensão iluminista à universalidade e com a concepção de uma razão humana unificada, a qual, concebida como “o” padrão de racionalidade, supostamente funda todas as asserções de conhecimento, independentemente de tempo e espaço [...]. (Peters, 2000, p. 50, citando a Sabina Lovibond).

Como sintoma disso, e próprio da mesma ansiedade por revelar o misterioso conteúdo do novo conceito em voga, o que residia no âmbito do estritamente sociocultural e empírico, bem como o meramente teórico e epistemológico, começava a confundir-se e embaralhar-se. Quiçá em Habermas, como constata Follari (1998, p. 126), é em quem se manifesta visivelmente essa dita atitude, ao supor que o pós-moderno se trata de uma questão “intrateórica”, e que “la refutación de teóricos pudiese servir de mecanismo de liquidación de la condición cultural en que dichos autores basan su constitución como sujetos, así como el análisis y contenido objetual de sus trabajos”.

O pós-moderno, como Follari (1998, p. 126) afirma,

no desaparecerá con atacar a los autores que se reclaman posmodernistas; por la razón elemental de que lo posmoderno no existe por responsabilidad de tales autores, sino que en todo caso ellos se sostienen en la situación fáctica de la existencia de condiciones a las que podemos dar nombres e interpretación diversificadas, pero que son aquellas que se sintetizan en el apelativo de “posmodernas”.

Nas discussões surgidas, Habermas (1990) apelará a uma restituição da vigência do universal, ao considerar que a modernidade é ainda um “projeto inacabado”, apesar da “pluralidade de vozes” que, a partir da posição de Lyotard (1989a), parece corroer a mesma “unidade da razão”. De todas as maneiras, e mais além da tentativa habermasiana de criticar posições teóricas assimiladas a uma condição sociocultural particular, o proclamado “jogo de linguagens” e o “fim das metanarrativas” pareciam estabelecer um frutífero debate que foi tomando forma e conteúdo durante os anos 80 nos Estados Unidos e na Europa, para, no final dessa década e durante os anos 90, assumir particulares características na América Latina.

2. O pós-moderno ou a pós-modernidade parecia sintetizar o que, inclusive, resultou ser uma sentença resistida por muitos⁶: o fim da modernidade (Vattimo, 1985) ou a chamada crise

² Em alusão concreta à diversa nomenclatura recorrente para caracterizar fenômenos políticos, culturais e filosóficos, por exemplo, a “pós-vanguarda”, o “pós-estruturalismo”, o “pós-industrialismo”, a “pós-história”, etc.

³ Por exemplo, Susan Sontag e Ihab Hassan. Deve-se destacar, assim mesmo, apesar de sua posterior incursão de uma perspectiva diferente, o interessante trabalho de Daniel Bell (1992, orig. 1976).

⁴ Vattimo (1985, p. 14) dirá que a novidade é justamente aquilo que permite que as coisas continuem da mesma maneira.

⁵ Publicado no original francês no ano 1979.

⁶ Um interessante trabalho é o de Marshall Berman (1989, orig. 1982).

da modernidade. Assim, crise da modernidade e pós-modernidade, a partir de uma perspectiva um tanto generalizadora, poderiam considerar-se conceitualizações análogas ao destacar o clima ou ambiente intelectual daqueles anos. O que estava em jogo nesse debate parecia envolver o conflito de interpretações tanto do caráter das transformações político-culturais dos últimos anos como das mudanças na maneira de abordar a análise do social. Por isso, tanto o diagnóstico como o próprio marco referencial de análise parecem deslocar-se. O pós-moderno se situaria, justamente, como o gesto que questiona a estabilidade e legitimidade das categorias políticas e teóricas (e do gesto por conhecer), próprias da condição vital moderna, como a atitude que indaga as suposições sobre as que fundamentalmente se teriam erguido identidades estáveis: o sujeito, o ser, a noção de progresso, a emancipação, a autonomia da razão e a objetividade das ciências (Schutte, 1998). Refere-se, num primeiro momento, a esta espécie de superação de categorias que já não parecem explicar suficientemente sobre as realidades socioculturais atuais. A que realidades refere-se então? Como consequência da incredulidade e deslegitimação dos chamados "grandes relatos" da modernidade (citemos, por exemplo, o marxismo e a psicanálise, a história e a emancipação), serão, primeiramente, os microprocessos socioculturais os que adquiriram significado, para, logo, eliminar a suposta dicotomia entre as categorias centro e periferia das realidades em questão. O "poder" resulta mais bem entendido não nos termos "macropolíticos" (de classe ou Estado, por exemplo), mas nos termos micropolíticos das redes de relações de poder que subjazem em todas as formas de sociabilidades; herança, sem dúvida, dos trabalhos de Michel Foucault (1988; 1989; 1992; 2003).

Esse movimento sugere o distanciamento das "grandes narrativas" homogeneizadoras da história e da política, bem como uma aproximação epistêmica em direção às formas locais e particulares de diferença. Assim parece se sugerir na "teoria feminista", com uma decidida ênfase na questão do *locus* a partir do qual as mulheres podem se auto-representar: o outro do patriarcado, uma voz das margens do social (Connor, 1993, p. 185). Devese recordar que, nas mesmas origens dos debates sobre o pós-moderno, encontravam-se as temáticas que abordavam o nexo entre feminismo, teoria e política. Sugiro que exista um estreito vínculo entre os tópicos fundamentais feministas e os temas recorrentes da crítica pós-moderna:

Assim pensa por certo Craig Owens, que vê o feminismo como um fenômeno pós-moderno por excelência, devido à sua afirmação da diferença, sua recusa das metanarrativas (narrativas "dominantes") e, sobretudo, à sua crítica às estruturas de poder envolvidas na representação. Nesse modo de ver, a mulher emerge como a própria força energizadora do marginal e do sublime (Connor, 1993, p. 186).

3. O referencial do pensamento pós-moderno para analisar o comportamento e a conduta humana é a prática. Sua pretensão não é ocasionar uma estrutura axiomática que oriente o pensamento, mas realizar leituras sobre textos (realidades) políticos, sociais, culturais e científicos. A função da leitura é revelar a imanência do texto, explicando suas contradições e tendências,

o mundo social subjacente que lhe deu origem. É esse mundo social que se procura compreender, sabendo-se que por trás do gesto de ler se encontra a aplicação de um relativismo epistemológico que rechaça toda teoria do poder e a realidade social construídas sobre bases estruturalistas (Aronowitz, 1991, p. 165). Em vez de buscar leis, quem se situa na pós-modernidade se dedica a articular propostas que, em conjunto, constituam um modelo de trabalho adequado a uma situação empiricamente verificável.

Ao se referir a textos e leituras, a herança foucaultiana revela o caráter relacional da tarefa de conhecer. Se observar ou ler é interagir, já que implica o mesmo observador ou leitor, é fácil deduzir as consequências pós-estruturalistas desse argumento: o texto é uma prática de interpretação, estabelecendo-se uma estratégia de revelar as camadas de sentido existentes dentro de um texto (realidade). Por trás desse aparente relativismo, está-se rechaçando a deusa por excelência da modernidade, a razão? A resposta é sim, em certo sentido. Rechaça-se se ela representa uma tirania que só pode sustentar-se mediante o gesto de excluir ou reprimir o incerto, o diferente, a outredade. Porém, a resposta também pode ser não, já que se rechaça somente sua representação dogmática de si mesma como certeza atemporal. Então, nada é real porque tudo é uma construção cultural, lingüística ou histórica? A partir do pós-estruturalismo se dirá que nada é menos real por ser cultural, lingüístico ou histórico, sobretudo se não há uma verdade universal ou atemporal contra a qual possa comparar-se. Assim, supõe-se que não exista "a história", senão séries múltiplas e justapostas de histórias do legítimo e do excluído.

Foucault (1988; 1989; 1992) havia demonstrado como o poder e o conhecimento dependem um do outro, de maneira que a extensão de um é também a extensão do outro. Como já é sabido, havia estudado as regras que configuram a verdade de um determinado discurso, evidenciando em que lugares se constrói essa verdade e a forma que circula ou é administrada por determinadas instâncias de poder. A razão moderna requer e cria categorias sociais que lhe servem como não-identidade, contra as quais se define: o louco, o criminoso, o outro em sua possível diversidade e sentidos. Assim, ler um texto (realidade) significa jogar um jogo que não possui regras previamente estabelecidas; segundo Foucault (2003), um jogo que se estabelece deduzindo aquilo que tem sido excluído ou suprimido, as estruturas de exclusão que legitimam uma determinada ordem social e não outra. Por isso, toda teoria do poder e a realidade social, a partir de uma posição pós-moderna, interagem em campos de experiências sociais e culturais, lingüísticas e históricas, que se apresentam desligadas de uma identidade, predeterminação ou suposto sentido transcendente.

Já nas primeiras aproximações gerais, é oportuno considerar que outorgar um sentido ou caráter crítico ao pós-moderno parece evidenciar um contra-sentido para os que observam nele o reflexo da lógica cultural do capitalismo tardio (Jameson, 1991). Não obstante, o tratamento que faz de determinadas figuras e premissas constitutivas da modernidade, dando abertura a um conjunto de problemas de teoria social e cultural, não pode ocultar seu caráter desestabilizador e questionador:

Puede sostenerse, así, que el concepto posmodernidad es más evocativo que denotativo, portador de más intranquilidades que de tranquilidades, más provocador que "claro y preciso"; quizás, en ello radique su valor heurístico para indagar cuestiones del presente, desde su concepción como condición epocal en la que la simultaneidad de quiebres de las matrices de significación de las prácticas socioculturales, políticas, económicas, intelectuales, constatan el fracaso de la pretensión autoritaria de una monolítica dirección de sentido (Téllez, 1998, p. 237).

Essa caracterização é complementada com uma idéia de finalização da leitura cronológica do tempo, dando lugar à "dispersión multidireccional y variable de acontecimientos que no avanzan hacia un sentido predeterminado"⁷. Trata-se, concretamente, de uma temporalidade que transgride a linearidade histórica dos acontecimentos segundo "um centro" que os ordena e os nomeia. Esse é, possivelmente, o gesto desestabilizador mais sintomático do pós-moderno, que, ao introduzir uma "desordem" na temporalidade e

provocar la pérdida de la solidez de la periodización sucesiva-lineal, el concepto de posmodernidad no indica meramente lo que viene tras la modernidad, sino la emergencia de una condición epocal con dimensiones otras, con prácticas otras y procesos otros (Téllez, 1998, p. 236-37).

5. O debate em torno da "questão pós" combina uma pragmática das sociabilidades constitutiva da "pluralidade de vozes" e o "jogo de linguagens", com um implícito desvanecimento ou fim do suposto universalista de uma representação auto-referida da história e da razão ocidentais. Em outras palavras, refere-se ao fim de uma forma particular de observar o suceder sociocultural supondo a fé na superioridade do modelo civilizatório europeu (Richard, 1999). Como bem constata Richard (*ibid.*), o

eje centro-periferia fue diagramado por la modernidad para someter la red de signos y funciones de los intercambios internacionales a la regulación metropolitana de un Centro facultado para decidir mientras la Periferia se limitaba a ejecutar (p. 377),

sendo, então, a reivindicação da alteridade e a diferença o que converte ao pós-moderno em uma espécie de "celebração anti-hegemônica" das periferias culturais censuradas pelas noções de homogeneidade, disciplinamento e universalidade. Dessa maneira, no referido trabalho, a autora parece limitar o crítico que aqui reside do pós-moderno a uma simples inversão desse modelo "centro-periferia", situando a periferia, conseqüentemente, em um centro de atenção, de reivindicação estética e ética e, inclusive, do kitsch folclórico.

Quando o pós-moderno representou um gesto crítico a uma visão etnocêntrica do mundo, o fez assim para articular questões de poder e de valor identificando princípios centralizadores (do eu, da raça, do gênero) para poder determinar o que esses "centros" excluíam para suas "respectivas periferias". O pós-moderno parecia encarnar um projeto de devolução da consciência dessas periferias "ao centro": apenas nas margens era possível chamar a atenção para aquilo que o universal excluía. Dessa maneira, e considerando-se o caráter dinâmico da categoria pós-modernidade, acredito que não é possível, atualmente, representar a voz dos "excluídos" tal qual as narrativas anticolonialistas clássicas, pela simples razão de que o âmbito do "marginal" e da "exterioridade" são parte do esquema discursivo-interpretativo que em um determinado momento sócio-histórico delinearão as instituições produtoras do saber. A crítica que atualmente se supõe para "um centro" que produziria e legitimaria uma específica normatividade, além de ser algo estritamente ideológico ou político-programático, resulta ser muito mais que uma inversão do modelo etnocêntrico: resulta ser sua própria anulação. Já Derrida antecipava, por exemplo, que toda a história do conceito de "estrutura" deve ser pensada como uma série de "substituições de centros": "o centro" recebe, sucessiva e regularmente, formas ou nomes diferentes (Peters, 2000).

O recurso a uma suposta "outredade" (periferia) sustenta uma narrativa na qual se adverte uma espécie de "superioridade moral" dos excluídos sobre os opressores-colonizadores-culturais. Não é necessário mencionar a ampla historiografia e literatura latino-americanas em que aparecem os "excluídos" sob a mescla do dramático e o romantismo próprio da busca de uma "redenção universal". Dessa maneira, percebe-se como essas narrativas utilizaram as mesmas categorias que serviram para legitimar o "colonialismo europeu". A "vitimização da periferia" representa um jogo retórico que termina legitimando as categorias valorativas do universo moderno. O pós-moderno chama a atenção para as formas pelas quais os binarismos conceituais, tais como racional-irracional ou legítimo-ilegítimo, são socialmente reproduzidos e zelosamente guardados⁸.

6. Sendo assim, a "condição pós" não reflete o oposto ou contraditório do moderno, e muito menos uma continuação projetivo-linear dele. É sim a finalização da modernidade, em que esta, através de seu próprio impulso, nega-se a si mesma (Follari, 1990). Isso pode ser considerado como uma simples "crise" pela qual atravessa a própria dinâmica da modernidade, uma etapa dentro da mesma condição "inacabada" dela (Habermas, 1992). Ante a heterogeneidade e incomensurabilidade dos "jogos de linguagens", o problema da legitimação dos vínculos sociais e do saber recairia na busca do consenso universal por meio do diálogo e das argumentações, supondo, *a priori*, o acordo em

⁷ Téllez, 1998, p. 235, citando o trabalho de Edgar Morin, *Para salir del siglo XX*, Barcelona, Kairós, p. 304.

⁸ "Derrida [...], questiona os pressupostos que governam o pensamento binário, demonstrando como as oposições binárias sustentam, sempre, uma hierarquia ou uma economia do valor que opera pela subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro, utilizando a desconstrução para denunciar, deslindar e reverter essas hierarquias" (Peters, 2000, p. 32). Derrida parece sugerir a "celebração da diferença" em contraposição ao "trabalho da dialética".

torno das prescrições universalmente válidas para os interlocutores. Porém, a dinâmica da modernidade e seus "jogos de linguagens", e o efeito da crise das "grandes metanarrativas", advertem que a contingência e as regras pragmáticas que dão forma a essas linguagens impedem a possibilidade de um princípio de legitimação que opere funcionalmente para todos eles. A "condição pós" refere-se não só à incredulidade e ao distanciamento dos "metarrelatos explicativos de uma realidade unitária", mas também ao desvanecimento e debilitamento da própria legitimidade do saber ao constatar que os diversos "jogos de linguagens" e a heterogeneidade sociocultural resultante não tornam possível remeter a uma realidade que se autonarra:

[...] los discursos del conocimiento sobre todos los referentes posibles son tomados, no con su valor de verdad inmediata, sino con el valor que adquieren debido al hecho de que ocupan un cierto lugar en la Enciclopedia que narra el discurso especulativo. Éste los cita al exponer por sí mismo lo que sabe, es decir, al exponerse a sí mismo. El auténtico saber desde esta perspectiva siempre es un saber indirecto, hecho de enunciados referidos e incorporados al metarrelato de un sujeto que asegura su legitimidad" (Lyotard, 1989a, p. 68).

Com a finalidade de legitimar suas práticas e crenças, seus jogos políticos e institucionais, as diferentes culturas se contam "histórias", "metanarrativas" que funcionam como uma seqüência de eventos que unificam e singularizam. Essas "histórias" ou "metanarrativas" assumem como propósito legitimar ou fundar uma série de práticas, uma auto-imagem cultural, um discurso ou uma instituição. É este terreno movediço que define a "condição pós".

A semântica da crítica pós-moderna

1. A irrupção de uma semântica pós-moderna nas ciências sociais se relaciona com a difundida idéia do "ocaso de los grandes paradigmas teóricos" (Wagner, 1997, p. 254). O "minimalismo" metodológico, materializado em estudos empíricos com escassas doses de ambição teórica; o "hiper-cientificismo", característico de um esforço principalmente a partir das ciências políticas com a "eleição racional"⁹, e uma perspectiva que procurava entrelaçar teoria e práxis¹⁰ foram algumas das respostas mais visíveis. Elas continuam tendo certo prestígio, inclusive entre as gerações jovens, não sem demonstrar certo desgaste, já que pareceriam, em ocasiões, mais pertinentes para oferecer respostas ao ambiente acadêmico dos anos 70 e 80 do que ao dos anos 90 e deste novo século que começa. Têm-se valido, em grande medida, de uma nomenclatura interessante a partir do debate que implicava a globalização em suas diversas esferas. Têm resistido, assim mesmo, ao caráter relativizador e pluralizador de alguns enfoques que, em determinados contextos e análises do sociocultural, pretendiam questionar o

projeto da sociologia (disseminando-o) tal como se havia desenhado historicamente.

As categorias indivíduo e sociedade pareciam estar a salvo. Com elas, reedições de modelos de modernização social e econômica, com uma forte tendência a considerar o "indivíduo" o eixo das discussões, poriam de manifesto uma dinâmica sociológica que se inseria em uma contemporaneidade interconectada, interdependente e globalizada. Individualização, processo de individualização, modernização reflexiva, fragmentação social, racionalização, responsabilidade, modernidade radical, entre outras, eram, e continuam sendo, terminologias recorrentes. Ante um "mundo globalizado" se imporia a necessidade de repensar uma entidade sociológica que parecia migrar, muito felizmente, a partir da psicologia social. Essa entidade seria o indivíduo, porém já não mais aquele que o século XIX havia pensado, e que a partir dos anos 1960 se tornava um renovado mistério. Sem embargo, o interesse em dar continuidade e estabilidade à "ciência normal" fez com que a situação atual seja de simples reflexo das limitações teóricas e metodológicas que pesam sobre a sociologia em um período de grandes mudanças sociais e para os que ainda não se conta nem com uma correta compreensão nem com o instrumental adequado para sua investigação. Se fosse certa essa interpretação e diagnóstico, as ciências sociais em geral estariam assumindo a única forma possível ao ter-se ocultado e desvanecido a esperança de desenhar um quadro adequado do atual mundo social. Esse é, justamente, o contexto intelectual e social em que aparece o discurso da pós-modernidade.

2. Frente à denominada "sociedade da informação", sociedade pós-industrial, e ante a premissa da modernização da sociologia, o pós-moderno vem a se comportar da mesma forma que os teóricos da crise da modernidade o fizeram a respeito da sociedade liberal e da teoria política liberal. Assim, podem-se estabelecer certas similitudes entre o impressionismo sociológico de Simmel com o ressurgimento do interesse pela microsociologia e a ênfase na vida cotidiana, entre a "jaula de ferro" da burocracia de Weber com a sociedade panóptica de Foucault. Da mesma maneira, pode-se recordar e se comparar a sentença da "morte de Deus" de Nietzsche com a "crise das metanarrativas" de Lyotard. Em ambos os casos, os marcos de análise entendem que as sociedades não são tais como os estudos mais relevantes a têm expressado. Fazendo referência à contribuição teórica dos enfoques pós-modernos,

debería entenderse como una reacción a las concepciones reduccionistas y cosificadoras de la modernidad de la sociología y la teoría de la sociedad convencionales. [...] considero que se trata de una reacción importante, [...] en lo concerniente a una sensibilización respecto de aspectos y cuestiones que habían sido pasadas por alto en una sociología que con frecuencia era demasiado moderna (Wagner, 1997, p. 259).

⁹ Ver o interessante capítulo dedicado ao estudo teórico dos "novos movimentos sociais" em Riechmann e Fernández Buey (1994).

¹⁰ Pode-se mencionar o trabalho de Giddens (1994).

O advento do pós-moderno reformula questões de sociabilidade e comportamento político, cultural e individual, traz novas preocupações e panoramas teóricos, nutre-se de uma analítica onde conceitos como pluralidade, fragmentação, relativismo e liberdade adquirem importância. Para isso, como se viu anteriormente, supõe gravitar sobre três eixos teóricos estritamente relacionados. A partir do pragmatismo filosófico¹¹, passando pelo eclectismo até chegar ao interacionismo, o pós-moderno se visualiza em uma espécie de reutilização daqueles elementos que haviam sido negligenciados pela hegemonia de perspectivas analíticas mais arraigadas no determinismo estrutural. De maneira fundamental, aqui radica grande parte do suporte teórico que o discurso pós-moderno estabelece ao referir-se à desestabilização ou decomposição dos "grandes relatos explicativos da realidade". O pós-moderno, então, pode ser considerado como obtendo sua ancoragem analítica e metodológica em modelos que apresentam como uma problemática o suposto acordo entre sociabilidade e ambiente, ou também entre o indivíduo e os círculos sociais que integra e dos quais participa. A sentença pragmática dos enfoques da interação parece plasmar-se na consideração pós-moderna de que as eventuais sociabilidades são elaboradas e construídas em função das vivências e interações que os envolvidos nela interpretam em um ambiente determinado.

Vários podem ser os caminhos que conduzem a tal perspectiva. A partir de trabalhos próximos da psicologia social ou dos estudos culturais, também pode abordar-se o pós-moderno a partir de conceitos reiteradamente alusivos à fragmentação social e à "multiplicidade do eu". A crença de que a "essencialidade do ser" ia se corroendo na própria prática social deu lugar ao que alguns denominaram o "indivíduo fragmentado" (Gergen, 1997; Hall, 1997). Dessa forma, quando se enterra o eu como realidade sólida e estável, e passa a ser construído e reconstruído em múltiplos contextos, advém o sujeito pós-moderno, sujeito relacional, no qual as relações do eu são as que o constroem (Gergen, 1997). Chega assim a supor-se que o perspectivismo pós-moderno, quando chama a atenção sobre a fragmentação social e a multiplicidade de contextos nos quais o sujeito se constrói, não faz mais que reintroduzir um legado teórico-analítico que se fundamenta na tensão que se estabelece entre a "pluralidade de mundos" (ou as "múltiplas realidades") e a "lógica dos momentos" (ou a "lógica das situações"). Toda uma aventura sociológica que nasceria com Simmel (1977; 1979), adquire novos conteúdos na teoria da "interação simbólica" com Mead (1982) e Blumer (1980) e passa pelos trabalhos de Schütz (1932; 1962; 1974) e Goffman (1959) pareceria estar sugerindo um mesmo roteiro para o pós-moderno¹².

3. Featherstone (1994, p. 8) adverte que o pós-moderno empurra as questões estéticas para o centro da teoria sociológica

ca, oferecendo modelos e justificativas de caráter estético para a vida ("estetização da vida"). Sendo uma visão parcial da "questão pós-moderna", não parece equivocada. Vários são os que têm feito da "estética" um fluido conceitual para dar explicação aos renovados mecanismos de comportamento social¹³. Não obstante, o estético não pode ser compreendido totalmente como elemento explicativo do pós-moderno, e sim como expressão dele. O que isso supõe é que se deve atribuir um status de complexidade à nossa contemporaneidade, incorporando questões que não eram bem recebidas pelas ciências sociais. A partir dessa posição, o estatuto do pós-moderno quer construir-se sob um gesto que, ao fazer referência a metáforas como o fragmentário, a fluidez e os vínculos comunitários, reintroduz categorias de análise próprias de uma sociologia da interação social.

A crítica pós-moderna e a interação social

1. Através de Lyotard (1989a) é possível compreender que a representação metodológica da sociedade moderna que se tem desenvolvido desde começos do século XX foi dividida em dois modelos: a sociedade forma um todo funcional ou a sociedade está dividida em duas. O primeiro modelo pode ser entendido segundo as análises realizadas por Parsons e sua escola sociológica, enquanto o segundo faz referência à corrente marxista (admitindo o princípio da luta de classes e da dialética como dualidade que produz a unidade social) (Lyotard, 1989a, p. 29). Por um lado, conceber a sociedade moderna como um "sistema auto-regulado" é admitir que a sociedade é uma "totalidade unida", uma "unicidade":

la condición más decisiva para que un análisis dinámico sea válido, es que cada problema se refiera continua y sistemáticamente al estado del sistema considerado como un todo [...]. Un proceso o un conjunto de condiciones o bien "contribuye" al mantenimiento (o al desarrollo) del sistema, o bien es "disfuncional" en lo que se refiere a la integridad y eficacia del sistema (Lyotard, 1989a, p. 31 [citando Parsons]).

Segundo Lyotard, essa dinâmica da sociedade tem como condição dispor de uma "força" que fuja de seu circuito de auto-regulação, algo que justamente veio protagonizar o princípio da luta de classes da sociedade a partir de Marx. Desse modo, se a teoria "tradicional" (termo utilizado para se referir, nesse caso, à teoria marxista) encontra-se sempre sob a

amenaza de ser incorporada a la programación del todo social como un simple útil de optimización de las actuaciones de ese último, es porque su deseo de una verdad unitaria y totalizado-

¹¹ James (1961). Mais atualmente se encontrariam os lúcidos trabalhos de Rorty (1991; 1997; 1998).

¹² O outro grande antecedente é, sem dúvida, todo o pensamento de Nietzsche. Não se pretende negligenciar tal contribuição, mas não é pertinente sua análise em função dos interesses do trabalho aqui apresentado.

¹³ Os trabalhos de Maffesoli (1989; 1995; 1996; 1997; 2001) são sintomáticos.

ra se presta a la práctica unitaria y totalizante de los gerentes del sistema (Lyotard, 1989a, p. 32).

Considerando que o modelo de sociedade marxista é um modelo de sociedade diferente, Lyotard não reluta em situá-lo sob um destino que o tem transgredido notoriamente,

pues el destino que le ha correspondido es conocido: en los países de gestión liberal o liberal avanzada, la transformación de esas luchas y sus órganos en reguladores del sistema [...] (Lyotard, 1989a).¹⁴

Isso quer dizer que

no se puede ocultar que la base social del principio de la división, la lucha de clases, se difuminó hasta el punto de perder toda radicalidad, encontrándose finalmente expuesto al peligro de perder su estabilidad teórica y reducirse a una "utopía", a una "esperanza" (Lyotard, 1989a, p. 33).

Além de tudo, considero que essas afirmações de fins dos anos 1970 foram as que incentivaram, nas ciências humanas, uma discussão teórica enriquecedora. Nos anos 1980, assistia-se a um novo debate teórico sobre a condição pós-moderna ou, o que é o mesmo, sobre a crítica da modernidade. Nesse sentido, a crise do "projeto da modernidade" vinha acompanhada de uma crise das teorias críticas da sociedade e da cultura, que tem questionado radicalmente a sociedade capitalista e a cultura burguesa sob a perspectiva de uma racionalidade ilustrada utópica.

Na arte, por exemplo, já desde os anos 1960 iniciava-se um processo de dissolução e fragmentação do espírito vanguardista. A Pop Art pode ser sua irônica materialização, ainda que nos anos 1980 o campo da pós-vanguarda irrompesse com seu abandono definitivo da auto-reflexão estética moderna. Surge a Body Art, as instalações, o *happening*, as peças teatrais interativas (chamando à participação do espectador), a "street culture" e seus graffiti. Tudo chama à participação, a romper fronteiras entre ator e espectador, entre sujeito e objeto. O culto à participação, convertida em "psicologização do social", conduz, em parte, a um processo de seleção crescente de espaços particulares e específicos de expressão, à formação de "redes situacionais", constituídas a partir de uma retração para os "objetivos universais". Assim, o discurso da pós-modernidade converte-se em um discurso de várias leituras (política, estética, psicológica, temporal) que não acaba nunca de conseguir um consenso unitário, mas que se confessa como a primeira tarefa ambiciosa que trata de descobrir o mapa do universo cultural resultante da desintegração progressiva dos modelos de sociabilidade modernos tradicionais.

Frente a esse cenário, Lyotard (1989a) manifesta que as sociedades atuais têm perdido o sentido do seu destino e que o acontecer não tem finalidade. Assim, em vez de interrogar-se sobre seu futuro, as sociedades se interrogam sobre as condições

de sua representação, seu espaço e seu tempo (Picó, 1992, p. 47). Torna-se importante a observação da relação entre indivíduo e ambiente, manifestando-se dois estados de ânimo caracteristicamente pós-modernos: por um lado, um compromisso ideológico com as minorias em política, sexo e "linguagem"; por outro, uma espécie de obsessão epistemológica com os fragmentos, as rupturas e a fluidez.

2. Pensar em um presente complexo pode estar relacionado, de maneira fundamental, com uma leitura de nosso ambiente atual a partir de uma ampliação crescente do processo de "tribalização" que Michel Maffesoli (1989) acertadamente deixou expresso há mais de duas décadas. Parece estar incessantemente se amplificando e se consolidando o que Eco, Colombo, Alberoni e Sacco (1990) no começo da década de 70 visualizaram como "advento de uma nova idade média" e o que, logo depois, autores mais ligados a fenômenos culturais (Connor, 1993; Hall, 1997) chamaram de "fragmentação". Esse fenômeno faz sentido na medida em que os pontos de contato individuais e sociais entre as pessoas tendem a ser cada vez mais especializados, desenvolvidos em espaços mais reduzidos, estreitos e de produção espontânea. Esses pontos de contato vão se multiplicando paralelamente a uma dinâmica associativa que se desliga das "formas" de sociabilidade tradicionalmente vinculantes.

Sendo assim, é impossível pretender explicar nosso entorno social e cultural a partir de conceitos "relacionais" ignorando um olhar arquetípico de toda uma tradição sociológica que adquire forma em Georg Simmel. Seu olhar é apropriado para uma concepção do mundo que pressupõe que "todos nós somos fragmentos" e, então, que o conhecimento que adquirimos é necessariamente fragmentário, embora o ânimo na elaboração dos "fragmentos" da "realidade social" se apresente como a chave da totalidade da teoria social em Simmel. Sem dúvida sendo uma perspectiva estética, o "fragmento" não é um simples "fragmento": o fluido, fugaz e transitório são "a essência". Cada fragmento, cada "instantaneidade social" contém em si mesma a possibilidade de revelar "o significado total do mundo como um todo"¹⁵.

Assim, conceitos como "estrutura social" e "instituição social" desempenham papéis secundários em sua sociologia. Para Simmel, a sociedade não parece ser uma entidade completamente fechada em si mesma, absoluta, uma simples totalidade. Comparada com a interação entre as partes que a compõem, é só seu resultado. É assim que Simmel parte de um princípio quase-regulador da "realidade social", consistente em que tudo interage com tudo, que o que existem são permanentes relações de movimentos. A sociologia, então, não tem nada a ver com uma noção reificada da sociedade senão com a interação social e as formas de sociabilidade conseqüentes.

Como bem afirma Schütz (1932, p. 34), a idéia básica de Simmel é a de que "todos los fenómenos sociales concretos deberían remontarse a los modos de conducta individual, y que la

¹⁴ Tema que faz parte da tese central de Boaventura de Souza Santos (1996).

¹⁵ Como parece afirmar em sua análise sobre as metrópoles (Simmel, 1979, orig. 1903).

forma social particular de tales modos debería comprenderse mediante descripción detallada".

Essa noção é a mesma que, segundo Schütz, mantém Weber para elaborar sua "sociologia compreensiva": a tarefa da sociologia não como especulação metafísica, mas como descrição simples e cuidadosa da vida social. Da mesma maneira, "lo que nos interesa es que Weber reduce todas las clases de relaciones y estructuras sociales, todas las objetivaciones culturales [...] a las formas más elementales de conducta individual" (Schütz, 1932, p. 36). O objetivo, então, é o de interpretar as ações dos indivíduos na "realidade social" e a maneira como eles dão significado aos fenômenos sociais.

Essas apreciações de Schütz são interessantes na medida em que nos aproximam de um campo de análise comum entre Simmel e Weber. Mas Simmel, que deu um caráter "sociológico" às observações culturais que em meados do século XIX Baudelaire tinha realizado¹⁶, é quem nos introduz na literatura sociológica que concebe a sociedade como um processo, o sujeito e a sociedade como estreitamente inter-relacionados e a "subjetividade" como uma parte fundamental do processo de formação e consolidação do "eu relacional"¹⁷ e do grupo social.

Por outro lado, essa constituição interativa do social pode ser enquadrada, de certa forma, na crítica que Santos (1999) realiza sobre a "teoria crítica moderna", teoria que concebe "a sociedade como uma totalidade". Santos adverte que tal concepção resulta ser uma "construção social como qualquer outra", aproximando-se claramente de uma noção de "sociedade como realidade subjetiva" (Berger e Luckmann, 2001). Afirmar, inclusive, que não existe em nossa atualidade um princípio único de transformação social e que não há "agentes" históricos únicos nem uma forma única de dominação (Santos, 1999, p. 202)¹⁸ equivale a considerar o social constituído de maneira simbólica como uma discursividade aberta, cenário de um jogo de múltiplas combinações e fragmentações que não obedecem a uma racionalidade predeterminada.

Essas considerações são interessantes, porque situam um olhar aos fragmentos do social em um ambiente que recoloca seu vínculo com um indivíduo que não corresponde totalmente às características emanadas do projeto moderno. Similares preocupações podem encontrar-se em George H. Mead (1982), quando se refere ao fenômeno da "dissociação do indivíduo" ou da "personalidade múltipla" a partir da psicologia social já nas primeiras décadas do século XX. É com ele que justamente se alicerçam os fundamentos da "teoria da interação simbólica", afirmando, por exemplo, que "la experiencia social misma es lo que determina la proporción de persona que entra en comunicación" (Mead, 1982, p. 173), e que

las varias personas elementales que constituyen la persona completa, o que están organizadas en ella, son los distintos aspectos de la estructura de esa persona completa

que responden a los distintos aspectos de la estructura del proceso social como un todo; la estructura de la persona completa es, así, el reflejo del proceso social completo (Mead, 1982, p. 175).

Evidente é que Mead explica o fenômeno da "dissociação do indivíduo" como sendo causado por uma ruptura da "pessoa completa", e não como submetido a um princípio deconstrutivo e fragmentário. De todas as maneiras, Mead pode ser uma referência fundamental quando a leitura de nosso ambiente está nutrida de alusões à interação e à comunidade como paradigma organizacional. Assim mesmo, Mead dizia que

la organización y unificación de un grupo social es idéntica a la organización y unificación de cada una de las personas que surgen dentro del proceso social en el que dicho grupo está ocupado o que está llevando a cabo" (Mead, 1982),

além de que a pessoa

debe adoptar la actitud de los otros de un grupo, a fin de pertenecer a la comunidad; tiene que emplear el mundo social exterior incorporado a sí, a fin de poder desarrollar pensamientos. Gracias a su relación con los otros de esa comunidad, gracias a los procesos sociales racionales que se llevan a cabo en dicha comunidad, tiene existencia como ciudadano. Por otra parte, el individuo reacciona constantemente a las actitudes sociales y cambia, en este proceso cooperativo, la comunidad misma a la cual pertenece (Mead, 1982, p. 224).

Afirmações como essas, que se referem à "realização da pessoa na situação social", transformam-se em elementos-chave para compreender certas dinâmicas individuais e coletivas de nosso presente, já que são assumidas, em geral como ponto de partida para as análises sobre o individualismo e a constituição de uma reflexividade pensada a partir de um princípio intersubjetivo. Assim, para compreender a lógica das sociabilidades contemporâneas é muito oportuno remeter-se a George H. Mead e à sua "teoria social da pessoa", já que entende

que la persona aparece en la experiencia esencialmente como un "mi" con la organización de la comunidad a la que pertenece. Esta organización, por supuesto, se expresa en las dotes particulares y en la especial situación social del individuo. Éste es un miembro de la comunidad, pero es una parte especial de la comunidad, con una herencia y una posición especiales que le distinguen de todos los demás. Es lo que es en cuanto miembro de dicha comunidad, y las materias primas de que nace ese individualismo especial no constituirían una persona, a no ser por la relación del individuo con la comunidad de la cual forma parte. Así, el tiene conciencia de sí mismo como tal, y esto no solo en la ciudadanía política, o en su condición de miembro de grupos en los que participa, sino también desde el punto de vista del pensamiento reflexivo (Mead, 1982, p. 225).

¹⁶ Ver o interessante trabalho de Berman: *Todo lo sólido se desvanece en el aire*. Parte 3: Baudelaire: el modernismo en la calle.

¹⁷ Ver a distinção entre o "eu individual" e o "eu relacional" no excelente trabalho de Gergen (1997).

¹⁸ Conceitos encontrados na literatura sociológica dos anos 1970 com Michel Foucault (1992).

3. Quando o pós-moderno adquire uma dimensão sociológica, o faz para superar a tradicional dicotomia entre indivíduo e sociedade, algo que almeja considerando, claramente, a filosofia fenomenológica. Assim mesmo, encontra em seu próprio corpo os germens da mesma ambigüidade que atravessa esse caminho filosófico. Para o fenomenólogo, o social não é, de maneira alguma, objeto: é captado como vivência, procurando descrever adequadamente essa vivência para reconstruir seu sentido. Vivência como sinônimo de sociabilidade, metáfora que alude, justamente, à eliminação da dicotomia tradicional que se pretende superar, tal qual se mencionou anteriormente. Porém, por sua vez, não se deve ocultar que essa descrição só pode ser feita sobre a base dos dados sociológicos, que são, por sua parte, resultado de uma "objetivação" prévia do social (Lyotard, 1989b). Assim, na palavra "etnometodologia"¹⁹ é onde, talvez, se encontre uma saída provisória a essa questão metodológica. Principalmente porque outorga à própria tarefa do conhecimento uma faculdade que só se corresponde com critérios de subjetividade, com um mundo social em que o próprio observador não pode situar-se tão facilmente ao exterior de seu suposto objeto. O elemento mais pós-moderno da etnometodologia ou, melhor dito, o aspecto da etnometodologia mais ajustado à episteme pós-moderna se pode perceber no rechaço ao ponto de vista acostumado segundo o qual a eficiência, a inteligibilidade, a coerência, a tipicidade e a uniformidade, além da possibilidade da reprodução ou reiteração das ações²⁰ (as propriedades racionais do comportamento prático), são fixadas, reconhecidas e categorizadas valendo-se de uma regra e de um modelo que é independente da situação em que tais propriedades são reconhecidas e produzidas. Toda propriedade "racional" da ação, todo aspecto do sentido da atividade, de sua factualidade, objetividade, explicabilidade, de sua própria comunicabilidade, é considerada como uma realização contingente de práticas comuns socialmente organizadas (Coulon, 1988).

Os conceitos clássicos da sociologia, tais como normas, regras, instituições, provêm do fato de que o compêndio de análise sociológico supõe a existência de um mundo autônomo das interações sociais. O pós-moderno vem questionar esse apriorismo que supõe que um sistema estável de normas e de significações compartilhadas governa as sociabilidades, ou o chamado sistema social. É a etnometodologia que, justamente, está atenta a esse fenômeno, já que, de seu ponto de vista, as normas são intenções abstratas que devem necessariamente ser especificadas: em cada situação contingente em que uma norma social é aplicável, o sujeito a encontra vaga e inexplicável. Resulta num mistério ante suas preocupações cotidianas. Portanto, faz-se indispensável, em cada situação concreta, adaptar a norma ou regra, interpretá-la para torná-la operativa e

para empregá-la com a finalidade de realizar ações descritíveis como coerentes. Essa é, definitivamente, a dificuldade dos dias de hoje, essa condição pós-moderna na qual compreender, interpretar e atuar em função dessas normas ou regras se torna algo difuso e complexo. Esta forma de ver as coisas modifica a concepção normativa da ordem social moderna, segundo a qual um determinado comportamento acordante com as regras manifesta a existência de uma ordem social explicável com a aprendizagem e o processo de internalização dos modelos ou esquemas de comportamento coerentes (e esperados) com o conjunto de regras preexistentes.

A partir da perspectiva pós-moderna, a sociedade como conceito caducou. Em todo caso, é um construto para a explicação de nexos relacionais (Beyme, 1994, p. 156). Porém, para o pós-moderno, o social não parece esgotar-se na intersubjetividade, tal qual uma qualidade óbvia de nosso mundo como tipificação do senso comum. Para explicá-la de forma mais adequada, bem como para compreender e explicar apropriadamente a interação social, as interpretações subjetivas do sentido e as definições conseguintes da "situação" em que se desenvolve essa interação, torna-se igualmente importante considerar instâncias que superam a própria intersubjetividade ou, melhor dito, que também fazem parte dela: as instituições, as regras ou normas, os valores e convenções sociais, os complexos dispositivos de poder diferentemente contextualizados. Se o pós-moderno emerge interessado em questões relativas a uma ordem legitimada contingentemente, é porque entende que as interações sociais estão atravessadas por limitações, repressões e controles diversos que não podem ser negligenciadas.

A ambigüidade do real parece materializar-se no interesse metodológico e analítico do pós-moderno. É um vai-e-vem entre um espaço da indeterminação do cotidiano e um espaço da previsibilidade e do controle próprios da dinâmica da modernidade. A atitude crítica do pós-moderno se encontra nas vinculações e tensões que esses espaços protagonizam. Assim, a dinâmica da modernidade está aí para superá-la, questioná-la e ironizá-la, porém não tanto quanto uma moral em sentido estrito, já que não adota a forma de uma categoria dominante e rígida, e que conseguiria privilegiar a lógica do "dever ser". O pós-moderno apareceria quando, a partir da tensão que se estabelece na mesma dinâmica, não parecem apresentar-se, claramente, as possíveis soluções ou resoluções dessa tensão.

Recapitulações finais

A crítica pós-moderna pode entender-se como um esforço analítico por recuperar uma preocupação pelos fragmentos da

¹⁹ O termo "etno" se refere à disponibilidade que um sujeito tem de conhecimentos de senso comum sobre sua sociedade: a "etnometodologia" é composta pelas atividades práticas e por suas propriedades formais, pelos conhecimentos de senso comum, pelo raciocínio prático. "La etnometodologia es el estudio de los modos en que se organiza el conocimiento que los individuos tienen de los cursos de acción normales, de sus asuntos habituales, de los escenarios acostumbrados" (Wolf, 2000, p. 110).

²⁰ Segundo concebe a "sociologia convencional", ao tratar de estabelecer relações constantes entre fenômenos. Para poder afirmar que a relação que interessa é constante, é necessário multiplicar as observações em que aparecem ou podem aparecer os termos que se ponham em relação. A investigação se estenderia a uma infinidade de fatores no seio da qual pode ser verificada a constância. Sem embargo, a relação constante entre um conjunto de elementos não pretende explicar muito, já que só daria conta do como e não do por quê.

vida individual e social, por detectar as fronteiras de sentido das sociabilidades cotidianas e por observar o caráter mutável e contingente das inter-relações individuais. Assim mesmo, comporta um esforço teórico no qual o "impressionismo sociológico" de Georg Simmel e a psicologia social de George H. Mead parecem constituir-se num dos fundamentos mais visíveis. Obviamente, não se devem esquecer os enfoques fenomenológicos de Alfred Schütz, acompanhados pela idéia de "múltiplas realidades" de William James e uma visão pragmática do universo cultural. Se a fluidez, a flexibilidade, a contingência, a mutabilidade ou o nomadismo parecem ser analogias descritivas das formas das sociabilidades atuais, a herança analítica referente à interação social e à intersubjetividade pode ser considerada como eixo semântico constitutivo da aqui denominada crítica pós-moderna.

Referências

- ARONOWITZ, S. 1991. Pós-modernismo e política. In: BUARQUE de HOLLANDA (org.), *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro, Rocco, p. 151-175.
- BAUDRILLARD, J. 1991. *La transparencia del mal: Ensayo sobre los fenómenos extremos*. Barcelona, Anagrama, 185 p.
- BAUDRILLARD, J. 1993. *Cultura y simulacro*. Barcelona, Kairós, 193 p.
- BAUDRILLARD, J. 1996. *El crimen perfecto*. Barcelona, Anagrama, 203 p.
- BELL, D. 1992. *Las contradicciones culturales del capitalismo*. Madrid, Alianza, 264 p.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. 1997. *Modernidad, pluralismo y crisis de sentido*. Barcelona, Paidós, 125 p.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. 2001[1966]. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 247 p.
- BERMAN, M. 1989. *Todo lo sólido se desvanece en el aire: La experiencia de la modernidad*. Buenos Aires, Siglo XXI, 386 p.
- BEYME, K. von. 1994. *Teoría política del siglo XX: De la modernidad a la postmodernidad*. Madrid, Alianza, 381 p.
- BLUMER, H. 1980. *El interaccionismo simbólico: Perspectiva y método*. Barcelona, Hora, 160 p.
- BUARQUE de HOLLANDA (org.). 1991. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro, Rocco, 273 p.
- CONNOR, S. 1993. *Cultura pós-moderna: Introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo, Loyola, 229 p.
- COULON, A. 1988. *La etnometodología*. Madrid, Cátedra, 141 p.
- DELEUZE, G. 1991. Posdata sobre las sociedades de control. In: C. FERRER (comp.), *El lenguaje literario*. Montevideo, Nordan.
- ECO, U.; COLOMBO, F.; ALBERONI, F. e SACCO, G. 1990[1973]. *La nueva Edad Media*. Madrid, Alianza, 160 p.
- FEATHERSTONE, M. 1994. Para uma sociologia da cultura pós-moderna. *RBCS*, 25:5-25.
- FOLLARI, R. 1990. *Modernidad y posmodernidad: Una óptica desde América Latina*. Argentina, Aique Grupo Editor/Instituto de Estudios y Acción Social, 159 p.
- FOLLARI, R. 1998. Lo posmoderno en la encrucijada. In: R. FOLLARI e R. LANZ (comps.), *Enfoques sobre posmodernidad en América Latina*. Caracas, Sentido, p. 121-151.
- FOUCAULT, M. 1988. El sujeto y el poder. *Revista Mexicana de Sociología*, 50(3):3-20.
- FOUCAULT, M. 1989, orig. 1976. *Historia de la sexualidad I: La voluntad de saber*. México, Siglo XXI, 194 p.
- FOUCAULT, M. 1992. *Microfísica del poder*. Madrid, La Piqueta.
- FOUCAULT, M. 2003. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, PUCRio, 158 p.
- GEERTZ, C. e CLIFFORD, J. 1991. *El surgimiento de la antropología posmoderna*. México, Gedisa, 313 p.
- GERGEN, K. 1997. *El yo saturado: Dilemas de identidad en el mundo contemporáneo*. Barcelona, Paidós, 370 p.
- GIDDENS, A. 1994. *Consecuencias de la modernidad*. Madrid, Alianza, 166 p.
- GOFFMAN, E. s/d[1959]. *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Buenos Aires, Amorrortu.
- HABERMAS, J. 1987. Sobre verdade e método de Gadamer. In: AM. VALLS (org.), *Dialéctica e hermenêutica*. Porto Alegre, L&PM.
- HABERMAS, J. 1988[1981]. *Teoría de la acción comunicativa 1*. Madrid, Taurus, 517 p.
- HABERMAS, J. 1990[1985]. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa, Dom Quixote.
- HABERMAS, J. 1992. Modernidad versus postmodernidad. In: J. PICÓ (comp.), *Modernidad y postmodernidad*. Madrid, Alianza, p. 87-102.
- HALL, S. 1997. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 111 p.
- HELLER, A. e FERENC, F. 1989. *Políticas de la postmodernidad*. Barcelona, Península, 299 p.
- JAMES, W. 1961[1907]. *Pragmatismo*. Buenos Aires, Aguilar.
- JAMES, W. 1989[1890]. *Principios de psicología*. México, Fondo de Cultura Económica.
- JAMESON, F. 1991. *El posmodernismo o la lógica cultural del capitalismo tardío*. Barcelona, Paidós, 121 p.
- JOSEPH, I. 2000. *Erving Goffman e a microsociologia*. Rio de Janeiro, FGV, 96 p.
- LUHMANN, N. 1997. *Observaciones de la modernidad: Racionalidad y contingencia en la sociedad moderna*. Barcelona, Paidós, 203 p.
- LYOTARD, J.-F. 1989a[1979]. *La condición postmoderna*. Madrid, Cátedra, 119 p.
- LYOTARD, J.-F. 1989b[1954]. *La fenomenología*. Barcelona, Paidós, 158 p.
- MAFFESOLI, M. 1989. *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 232 p.
- MAFFESOLI, M. 1995. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, Arte se Ofícios, 168 p.
- MAFFESOLI, M. 1996. *No fundo das aparências*. Petrópolis, Vozes, 350 p.
- MAFFESOLI, M. 1997. *A transfiguração do político*. Porto Alegre, Sulina, 282 p.
- MAFFESOLI, M. 2001. *Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro, Record, 205 p.
- MEAD, G.H. 1982[1934]. *Espíritu, persona y sociedad: Desde el punto de vista del conductismo social*. Buenos Aires, Paidós.
- PETERS, M. 2000. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte, Autêntica, 94 p.
- PICÓ, J. 1992. *Modernidad y postmodernidad*. Madrid, Alianza, 385 p.
- RICHARD, N. 1999. Latinoamérica y la posmodernidad. *Revista La Torre*, Universidad de Puerto Rico, Puerto Rico, 4(12):367-378.
- RIECHMANN, J. e FERNÁNDEZ BUEY, F. 1994. *Redes que dan libertad*. Barcelona, Paidós.
- RORTY, R. 1991. *Contingencia, ironía y solidaridad*. Madrid, Paidós, 222 p.
- RORTY, R. 1997. *¿Esperanza o conocimiento? Una introducción al pragmatismo*. Buenos Aires, FCE, 104 p.
- RORTY, R. 1998. *Pragmatismo y política*. Barcelona, Paidós, 124 p.
- SANTOS, B. de S. 1996. *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 348 p.
- SANTOS, B. de S. 1999. "Por que é tão difícil construir uma teoria crítica?". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 54:197-215.
- SCHUTTE, O. 1998. La América Latina y la posmodernidad: rupturas y continuidades en el concepto de nuestra América. *Revista Casa de las Américas*, 210:46-57.
- SCHÜTZ, A. e LUCKMANN, T. 1973. *Las estructuras del mundo de la vida*. Buenos Aires, Amorrortu, 315 p.

- SCHÜTZ, A. s/d[1932]. *Fenomenología del mundo social*. Buenos Aires, Paidós, 279 p.
- SCHÜTZ, A. s/d[1962]. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires, Amorrortu, 327 p.
- SCHÜTZ, A. 1974[1964]. *Estudios sobre teoría social*. Buenos Aires, Amorrortu, 277 p.
- SIMMEL, G. 1977. *Sociología*. Madrid, Revista de Occidente, 284 p.
- SIMMEL, G. 1979. A metrópole e a vida mental. In: O. VELHO (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 11-25.
- SIMMEL, G. 1986. *El individuo y la libertad: Ensayos de crítica de la cultura*. Barcelona, Península, 808 p.
- SOVIK, L. 2001. Lembrar o sujeito pós-moderno ou viva o fim da razão instrumental. In: J.L.A. PRADO (org.), *Lugar global e lugar nenhum*. São Paulo, Hackers, p. 87-95.
- TELLEZ, M. 1998. El concepto de posmodernidad: deconstrucción de Cronos. In: R. FOLLARI e R. LANZ (comp.), *Enfoques sobre posmodernidad en América Latina*. Caracas, Sentido, p. 207-241.
- VATTIMO, G. 1985. *El fin de la modernidad*. Barcelona, Gedisa, 159 p.
- VATTIMO, G. 1994. *La sociedad transparente*. Barcelona, Paidós, 172 p.
- WAGNER, P. 1997. *Sociología de la modernidad*. Barcelona, Herder, 366 p.
- WOLF, M. 2000. *Sociologías de la vida cotidiana*, Madrid, Cátedra, 223 p.

Submetido em: 15/03/2007

Aceito em: 30/03/2007